

COMO O FUTEBOL EXPLICA **Franklin Foer** O MUNDO

Um olhar inesperado
sobre a globalização



Franklin Foer

COMO O FUTEBOL EXPLICA O MUNDO

**Um olhar inesperado
sobre a globalização**

Tradução:

CARLOS ALBERTO MEDEIROS



ZAHAR

**Para Abby, minha esposa,
e para os Waimberg, meus primos brasileiros**

SUMÁRIO

PRÓLOGO

- 1 COMO O FUTEBOL EXPLICA
o paraíso dos gângsteres
- 2 COMO O FUTEBOL EXPLICA
a obscenidade das seitas
- 3 COMO O FUTEBOL EXPLICA
a questão judaica
- 4 COMO O FUTEBOL EXPLICA
o *hooligan* sentimental
- 5 COMO O FUTEBOL EXPLICA
a sobrevivência dos cartolas
- 6 COMO O FUTEBOL EXPLICA
os negros dos Cárpatos
- 7 COMO O FUTEBOL EXPLICA
os novos oligarcas
- 8 COMO O FUTEBOL EXPLICA
o discreto charme do nacionalismo burguês
- 9 COMO O FUTEBOL EXPLICA

a esperança do Islã

10 COMO O FUTEBOL EXPLICA

as guerras culturais no Estados Unidos

AGRADECIMENTOS

NOTA SOBRE AS FONTES

ÍNDICE REMISSIVO

PRÓLOGO

No futebol, sou um perna-de-pau.

Quando era garoto, meus pais ficavam de costas para o campo a fim de evitarem me ver jogar. Não os culpo. Só consegui dominar os fundamentos do jogo lentamente, depois de passar muitas temporadas correndo na direção oposta à da bola.

Apesar desses traumas, ou talvez em razão deles, meu amor pelo futebol transformou-se mais tarde numa coisa muito maluca. Eu tentava desesperadamente dominar o jogo que tinha sido fonte de tanta vergonha na minha infância. Como jamais conseguiria ganhar habilidade no esporte em si, só podia investir na segunda opção, que era tentar compreendê-lo em profundidade. Para um norte-americano, não era fácil. Durante minha infância, a TV pública reprisava irregularmente jogos da Alemanha e da Itália no horário dos televangelistas nas manhãs de domingo. Essas míseras reprises eram tudo de que se dispunha nos quatro anos que separavam duas Copas do Mundo. E olhe lá.

Mas lentamente a tecnologia foi preenchendo as brechas. Primeiro, graças a Deus, veio a Internet, onde você podia ler as páginas esportivas inglesas e seguir atentamente os jogadores que tinha conhecido na Copa do Mundo. Depois Rupert Murdoch, abençoado seja, criou um canal a cabo chamado Fox Sports, quase totalmente voltado ao futebol europeu e latino-americano.^a Agora, uma antena parabólica traz para a minha sala de estar o canal a cabo do Real Madrid, assim como jogos do Paraguai, Honduras, Holanda, Escócia e França, sem falar em Brasil, Argentina e Inglaterra.

Mais ou menos ao mesmo tempo em que essas estações de TV passaram a consumir parcelas incomodamente amplas do meu tempo de lazer, colunistas e economistas que escrevem em jornais começaram a falar da era da globalização. Como passo muitas das horas em que não

estou vendo futebol exercendo a profissão de jornalista político em Washington, me vi atraído para o cerne dessa discussão. Graças ao colapso das barreiras comerciais e às novas tecnologias, dizia-se que o mundo tinha ficado muito mais interdependente. Thomas Friedman, colunista do *New York Times* e grande sacerdote da nova ordem, louvou “a inexorável integração de mercados, Estados-nações e tecnologias em um grau jamais observado antes – de uma forma que está habilitando indivíduos, corporações e Estados nacionais a se contactarem com o mundo de maneira mais ampla, rápida, profunda e barata do que em qualquer outra época”.

Como fã de futebol, eu entendia exatamente o que ele estava dizendo. Não se tratava apenas da maneira como a Internet e os satélites haviam tornado o mundo do futebol tão menor e tão mais acessível. Era possível ver a globalização em ação: nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Turquia; equipes da Moldávia importavam nigerianos. Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história. Os melhores clubes agora competiam entre si quase semanalmente em torneios como a Liga dos Campeões Europeus ou a Copa Libertadores da América.

Era fácil entusiasmar-se com a nova ordem. Esses torneios eram o doce sonho de um fã: a chance de ver o Juventus de Turim jogar numa semana com o Bayern de Munique e com o Barcelona na seguinte. Ao criarem alquimias culturais a partir de suas escalações, os técnicos muitas vezes produziam novos e maravilhosos espetáculos: o estilo italiano, cínico e defensivo, vitalizado pela infusão da liberdade de estilo de holandeses e brasileiros; o estilo duro (ou a falta de estilo) dos ingleses temperado por uma pitada de perspicácia sob a forma de atacantes franceses. Visto da minha poltrona, o futebol parecia estar muito mais adiantado no processo de globalização do que qualquer outra economia do planeta.

Mais que isso, eu podia imaginar um outro benefício da globalização do futebol que ainda estava por se concretizar: alguém precisava escrever

um livro sobre o assunto, o que exigiria o trabalho (extremamente árduo...) de viajar pelo mundo, assistir a jogos, comparecer a treinamentos e entrevistar seus heróis. Tirei uma folga de oito meses de meu emprego na revista *New Republic* e visitei os estádios que mais ardentemente desejava conhecer.

Mais ou menos quando comecei a trabalhar neste livro, no outono de 2001, o consenso sobre a globalização mudou consideravelmente – por motivos óbvios. Não era mais possível falar de modo tão entusiástico, tão messiânico, sobre a promessa política de interdependência econômica. E havia outro problema: o breve experimento mundial de interdependência não chegara nem perto de produzir a prosperidade anunciada. Este livro tenta usar a metáfora do futebol na abordagem de algumas questões incômodas relacionadas com esse fracasso: por que algumas nações permaneceram pobres, embora tenham sido alvo de tanto investimento estrangeiro? Que perigo representam as corporações multinacionais que tanto atraem a ira da esquerda?

Isso não significa reviver as velhas e desgastadas críticas marxistas ao capitalismo das grandes corporações – a grande questão que este livro aborda é menos econômica que cultural. A inovação da esquerda antiglobalização é seu apego ao tradicionalismo: a preocupação de que gostos e tendências globais venham a sufocar as culturas nativas. Evidentemente, o futebol não é a mesma coisa que Bach ou o budismo. Mas freqüentemente provoca um sentimento mais profundo que a religião e, tal como esta, é uma parte do tecido comunitário, um repositório de tradições. Durante o regime franquista, o Atlético de Bilbao e o Real Sociedad eram os únicos espaços em que o povo basco podia expressar seu orgulho cultural sem ir para a cadeia. Em cidades industriais inglesas como Coventry e Derby, os clubes de futebol ajudaram a aglutinar pequenas comunidades em meio a uma poluição opressiva.

Pela lógica tanto de seus críticos quanto de seus proponentes, a cultura global deveria ter varrido do mapa essas instituições locais. Com efeito, viajando pelo mundo, é difícil deixar de se assombrar com o poder

de megamarcas como o Manchester United e o Real Madrid, patrocinados pela Nike e pela Adidas, que cultivam seu apoio através dos continentes, afastando torcedores de seus antigos clubes. Mas essa homogeneização revelou-se mais exceção que regra. Perambulando entre torcedores lunáticos, dirigentes sem escrúpulos e artilheiros búlgaros ensandecidos, observei as formas como a globalização havia fracassado em reduzir as culturas futebolísticas regionais, as disputas sangrentas e mesmo a corrupção no plano local. Na verdade, comecei a suspeitar que a globalização de fato havia aumentado o poder dessas entidades locais – e nem sempre no bom sentido.

Em minhas viagens, tentei usar o futebol – seus torcedores, jogadores e estratégias – para imaginar como as pessoas se identificariam nesta nova era. Será que agora abraçariam novos rótulos, mais globalizados? Os seres humanos deixariam de pensar em si mesmos como ingleses ou brasileiros e começariam a se definir como europeus ou latino-americanos? Ou será que essas novas identidades não teriam sentido, com suas raízes pouco profundas? As pessoas retornariam a identidades mais antigas, como a religião e a tribo? A julgar pelo exemplo do futebol, religião e tribo têm grandes chances.

Este livro está dividido em três partes. A primeira tenta explicar o fracasso da globalização em reduzir ódios antigos ainda presentes nas grandes rivalidades em torno do esporte. É a parte *hooligan* do livro. A segunda usa o futebol para abordar questões econômicas: as conseqüências da migração, a persistência da corrupção e a ascensão de novos oligarcas poderosos como Silvio Berlusconi, presidente da Itália e do Milan. Por fim, o livro usa o futebol para defender as virtudes do nacionalismo ao estilo antigo – uma forma de evitar o retorno do tribalismo.

A história começa triste e vai ficando progressivamente mais otimista. Ao final, achei difícil ser demasiado hostil à globalização. Apesar de todas as suas muitas falhas, ela fez com que o futebol chegasse aos recantos mais distantes do planeta, e à minha vida.

[a](#) Sim, este livro deve sua existência à generosidade de Rupert Murdoch e sua empresa, Harper-Collins, a editora original desta obra.



COMO O FUTEBOL EXPLICA

o paraíso dos gângsteres

I.

O Estrela Vermelha de Belgrado é o time de futebol mais amado e de maior sucesso da Sérvia. Como quase todo clube da Europa e da América Latina, tem o apoio de uma torcida indisciplinada, capaz de atos de terrível violência. Mas no Estrela Vermelha os torcedores violentos ocupam um lugar de honra, e mais que isso: reúnem-se com dirigentes do clube para atualizarem o plano de ação de suas gangues. Seus líderes recebem remuneração. E, como parte desse pacote, têm acesso a um escritório na sede do clube, localizada no bairro de classe média alta de Topcider.

As gangues têm influência, em grande parte, porque a conquistaram mediante a intimidação. Poucos meses antes de eu chegar a Belgrado e ficar sabendo da cumplicidade do clube nas guerras dos Bálcãs dos anos 1990, a torcida do Estrela Vermelha tinha invadido o campo durante um treinamento. Com bastões, barras de ferro e outros porretes, espancaram três de seus próprios jogadores. Depois do estrago, não se mostraram particularmente acanhados em anunciar seus feitos. Nesse caso, os *hooligans* disseram claramente aos repórteres que “não podiam mais tolerar a falta de compromisso em campo”. Bastou um telefonema para se organizar uma entrevista com um punhado deles em sua sala de reuniões localizada no primeiro andar da sede do Estrela Vermelha.

A área de Belgrado onde fica a sede do clube tem um aspecto caricaturalmente assustador. Um enorme bando de corvos reside no

telhado do estádio. Quando um time marca um gol e a multidão explode, os pássaros fogem – por toda a cidade, é possível calcular o resultado dos jogos com base na presença ou ausência de uma nuvem ornitológica sobre o horizonte. Do outro lado da rua, em frente ao estádio, a família de Arkan, o mais famoso gângster e tirano militar da história sérvia, vive num castelo que ele próprio construiu, uma monstruosidade em estilo novo-rico com fileiras de torres e torreões. Como me demorei demais perto da casa, um homenzarrão com casaco de couro apareceu e me perguntou o que estava fazendo. Por causa das atrocidades cometidas pelos homens de Arkan, apresentei-me como um turista perdido, nervosamente lhe pedi orientação e me afastei em seguida. Na tarde de minha visita, a cor do céu era cinza-chumbo.

Meu tradutor havia me arranjado um encontro com Draza, líder de uma torcida do Estrela Vermelha que se auto-intitula os Ultra Bad Boys. Ele o persuadiu com a promessa exagerada de que uma entrevista traria glória ao clube e reconhecimento internacional às realizações de seus torcedores. Seis colegas tagarelas de Draza o acompanharam. À primeira vista, os Bad Boys não pareceram absolutamente merecedores da primeira parte de seu nome, mas muito da segunda. Tirando as grandes tatuagens vermelhas com o nome da gangue em suas panturrilhas, pareciam jovens relativamente honestos. Draza usava um casaco de lã macia e calças de brim cáqui. Sua cabeleira comprida, mas obviamente tratada em salão, lhe empresta a aura de um estudante de filosofia. Logo fica claro que ele é aluno de faculdade e está enrolado preparando-se para os exames. Seus amigos não são mais ameaçadores. Um deles tem o cabelo cortado em cuia, rosto rechonchudo e uma parca de esquiador de tamanho exagerado que não tira nunca – parece o tipo de sujeito que foi alvo de trotes no colégio.

Talvez para aumentar sua credibilidade, os Bad Boys trouxeram consigo um homem de cabelo grisalho chamado Krle, que usa uma jaqueta preta surrada do San Antonio Spurs. A vigorosa constituição de Krle dá a impressão de que ele passa o tempo livre exercitando-se numa barra colocada no vão de uma porta de seu apartamento. Muitos anos vivendo como *hooligan* fizeram-no envelhecer precocemente. (Quando

indago sua idade e ocupação, ele muda de assunto.) Diferentemente do entusiasmo ingênuo exibido pelos adolescentes, Krle mostra indiferença. Diz ao tradutor que só compareceu à entrevista por insistência de Draza. Seu único gesto de simpatia é ficar me oferecendo cerveja sérvia quente em uma garrafa de plástico. Depois de provar a cerveja, não me pareceu algo tão cordial assim. Mas por causa da irritação em seus olhos cinzentos, eu me vi bebendo um copo atrás do outro.

Krle funciona como assessor sênior do grupo, um mentor dos aspirantes a *hooligan*. Deixando de lado o olhar feroz e o comportamento hostil, eu realmente estava satisfeito com sua presença. Meu interesse pelo Estrela Vermelha concentra-se nos anos 1990, seu auge como bandido, quando as torcidas desempenhavam um papel central no renascimento do nacionalismo sérvio – a idéia de que os sérvios são as eternas vítimas da história que têm de lutar para preservar um fiapo de dignidade. Sem precisar de muito estímulo, Draza fala claramente dessas ligações. Infelizmente, seu monólogo não dura muito. Exercendo sua autoridade com olhares voláteis e interrupções bruscas, Krle assume o controle da conversa. Suas respostas são curtas.

– Quem você mais odeia?

Pausa para alguns segundos de meditação.

– Um croata, um tira; não faz diferença. Eu mataria todos eles.

– Qual é o seu método de espancamento preferido?

– Barras de metal, um tipo especial de chute que quebra uma perna quando o cara não está atento.

De repente, ele dá um chute no ar, num movimento obviamente bem treinado.

Com o efeito estimulante da bebida, tento chegar mais perto do motivo de minha visita.

– Percebi que vocês chamam Arkan de “comandante”. Podem falar um pouco mais sobre como ele organizou os torcedores?

Seu olhar é de uma pessoa profundamente ofendida, e depois de fúria incontrolável.

— Eu não devia estar respondendo suas perguntas. Você é norte-americano. E seu país nos bombardeou. Você mataram bons homens sérvios.

Boa razão para mudar de assunto. Num aparte a meu tradutor, que só me revelaria seu conteúdo depois da entrevista, Krle anuncia:

— Se eu encontrasse esse norte-americano babaca na rua, ia bater nele pra valer.

Krle então se retira da conversa. Primeiro fica em pé, impaciente, no lado oposto da sala. Depois se joga sobre uma cadeira e a inclina sobre os pés traseiros. Quando isso deixa de ocupar sua atenção, ele se levanta de novo e começa a caminhar.

Nesse ínterim, seus protegidos prosseguem na descrição entusiástica de seus atos de violência. Revelam-me sua tática de guerrilha favorita: vestir-se com o uniforme dos adversários. Isso lhes possibilita fazer amizade com torcedores visitantes, atraí-los para seus carros, levá-los para lugares remotos e espancá-los. Gabam-se do domínio que exercem sobre os torcedores do Partizan, seus rivais em Belgrado. Draza mostra especial satisfação ao descrever um jogo contra o Partizan na temporada anterior. Trinta minutos antes do pontapé inicial, os Ultra Bad Boys tinham agrupado silenciosamente seus membros mais fortes num canto do estádio, perto de algumas árvores. Cada um levava uma barra de metal ou um porrete de madeira. Assumiram uma formação em V e começaram a abrir caminho violentamente pelo estádio, batendo em todos que estivessem pela frente. Primeiro atacaram a torcida visitante. Depois, lançaram-se violentamente sobre um grupo de policiais. O ataque foi tão rápido que nem a polícia nem os torcedores do Partizan tiveram tempo de reagir. No seu caminho, deixaram fileiras de vítimas, como os rastros recentes de um cortador de grama.

— Atravessamos o estádio em cinco minutos diz – Draza. — Foi incrível.

Afora os paroxismos de Krle, os Ultra Bad Boys nunca diziam palavrões. Consideravam-se ocupantes de um domínio moral mais

elevado que o de seus adversários: não usar armas de fogo, não bater no inimigo depois de ele ter perdido a consciência. Draza explica:

— A torcida do Partizan uma vez matou um fã do Estrela Vermelha. Ele estava sentado no estádio e eles atiraram um rojão no seu peito. Os monstros mataram o garoto. Eles não respeitam limites.

Os Ultra Bad Boys contam tudo que eu quero saber.

Quando guardo a caneta e o caderno, Krle retorna ao grupo. Fica na minha frente e faz a saudação de três dedos dos nacionalistas sérvios, o sinal da paz com o acréscimo do polegar. O sinal significa tanto a santíssima trindade quanto a crença dos sérvios de que são seus mais autênticos representantes no planeta.

— Agora você diz – ele em inglês.

Obedeço. Antes de eu sair da sala, Krle me faz repetir o gesto quatro vezes. Quando, mais tarde, descrevi esse momento a um militante de direitos humanos que está há muitos anos em Belgrado, ele me disse que, durante a guerra, os paramilitares forçavam muçulmanos e croatas a fazerem essa saudação antes de os estuprarem ou matarem.

Krle atuara como capanga do Estrela Vermelha no ano mais glorioso do clube. Em 1991, o time ganhou a Copa dos Campeões Europeus – a mais prestigiosa competição anual interclubes. A equipe era uma metáfora do esfacelamento da Iugoslávia. Apesar de sua história de veículo do nacionalismo sérvio, o Estrela Vermelha tinha jogadores de todo o país, até mesmo um vociferante separatista croata. Cada Estado da antiga Iugoslávia desenvolvera estereótipos étnicos amplamente aceitos, que os comentaristas esportivos transpunham para os jogadores. Os eslovenos eram soberbos defensores, correndo incansavelmente atrás dos atacantes adversários. Os croatas tinham um pendor germânico para aproveitar oportunidades de gol. Bósnios e sérvios mostravam criatividade em dribles e passes, mas ocasionalmente lhes faltava sagacidade tática. No Estrela Vermelha, um amálgama de diferentes iugoslavos reunia suas especialidades e vencia as superpotências da Europa Ocidental.

Essa performance deveria ter proporcionado alguma esperança de salvação para a Iugoslávia multiétnica. Mas, à sombra dessa temporada do campeonato, na sede e no estádio do Estrela Vermelha tramava-se a destruição dessa Iugoslávia. A partir das próprias fileiras do clube, uma organização paramilitar de *hooligans* foi formada e armada. Krle, que levou um tiro na perna, serviria nesse exército. Os torcedores do Estrela Vermelha se tornariam as tropas de choque de Milosevic, os mais ativos agentes da limpeza étnica, genocidas altamente eficientes.

É difícil imaginar os Ultra Bad Boys como figuras típicas. Parecem produto de um país atormentado pela guerra e de sua ideologia doente. Mas na verdade não são uma peculiaridade nacional. A partir da década de 1980, o *hooligan* veio a ser amplamente considerado um dos grandes inimigos do Ocidente. “Uma desgraça para a sociedade civilizada”, disse uma vez Margaret Thatcher. Com base na taxa de mortalidade – mais de uma centena naquela década –, os ingleses eram os principais produtores mundiais de torcedores enlouquecidos, mas estavam longe de serem os únicos. Por toda a Europa, América Latina e África a violência tornara-se parte da cultura futebolística. E mesmo em lugares onde a violência de há muito acompanhava o futebol, ela se tornou mais generalizada e destrutiva nos anos 1980 e 1990. Os torcedores sérvios eram apenas um pouco mais organizados e mais bem armados que seus equivalentes do resto do mundo.

Susan Faludi e uma legião de sociólogos apresentam uma explicação para esse surto. Têm escrito sobre homens vitimados por cortes e reduções de emprego, que perderam seus lugares na indústria para trabalhadores do Terceiro Mundo. Desprovidos do emprego tradicional e derrubados de seus pedestais patriarcais, esses homens desejavam desesperadamente reafirmar sua masculinidade. A violência no futebol ofereceu-lhes uma rara oportunidade de realmente exercerem o controle. Quando esses torcedores aderiram ao racismo e ao nacionalismo radical, foi porque essas ideologias funcionavam como metáforas de suas próprias vidas.

Suas nações e suas raças tinham sido sacrificadas pelo mundo de modo tão profundo quanto eles próprios.

Privação econômica e exôdo são explicações óbvias. Mas há muita coisa que esses fatores não podem explicar. Ultra Bad Boys como Draza também podem ser jovens universitários com perspectivas decentes. Os Chelsea Headhunters, a mais notória gangue de *hooligans* da Inglaterra, inclui corretores de valores e profissionais de classe média com carreiras sólidas. Além disso, a história humana é repleta de pobres, mas é raro que eles se reúnam em grupos para mutilar pelo prazer de mutilar.

Algo diferente aconteceu nesta era. Um *ethos* de gangsterismo – difundido pelos filmes, pela música e pela moda – conquistou o mundo. Os torcedores do Estrela Vermelha tinham como modelos os estrangeiros que eles admiravam, especialmente os *hooligans* da Europa Ocidental. O nome Ultra Bad Boys foi tirado de clubes de torcedores italianos. Outra torcida se atribuiu o nome Red Devils, apelido do Manchester United da Inglaterra. No final dos anos 1980 e início dos 1990, os *hooligans* do Estrela Vermelha iam ao Centro Cultural Britânico, na área central de Belgrado, para pesquisar os jornais em busca das últimas badernas provocadas por seus pares ingleses. Os *hooligans* sérvios também reverenciavam a moda: usavam trajes esportivos da Adidas, correntes de ouro e tênis de couro branco, tal como os torcedores ensandecidos do outro lado do continente, pelo que liam nos jornais. Evidentemente, a genealogia dessa estética tinha outras raízes além da Inglaterra. Ela devia muito ao *gangster rap* afro-americano, gênero favorito dos jovens sérvios, e incorporava os costumes da emergente máfia russa. O gangsterismo e sua violência niilista tornaram-se amplamente globalizados. E foi nos Bálcãs que essa subcultura se tornou cultura e revelou sua conclusão lógica.

II.

Na história da guerra dos *hooligans*, nenhuma batalha foi tão espetacular. Um ano antes de o Estrela Vermelha ganhar a Copa Européia, a equipe viajou para a Croácia para jogar com seu rival, o Dínamo de Zagreb.

Sinais de que o Estado multiétnico da Iugoslávia talvez não sobrevivesse por muito tempo podiam ser vistos por toda Zagreb. Dois meses antes, os croatas tinham eleito Franjo Tudjman, um ultranacionalista, ex-general e ex-presidente do Partizan de Belgrado, um time de futebol. A adoção, por Tudjman, dos ícones Ustache – símbolos dos fascistas croatas que colaboraram com os nazistas no assassinato de milhares de sérvios – acordou as paixões nacionais de seu povo, há longo tempo adormecidas.

Durante os 35 anos em que o marechal Tito, um comunista carismático, governou a Iugoslávia, ele suprimiu os ressentimentos relativos à Segunda Guerra Mundial simplesmente declarando ilegal manifestá-los. A Iugoslávia nunca se conformara com o fato de seus maiores segmentos terem se massacrado mutuamente. Agora, com a dissolução do comunismo, antigas feridas se reabriam. Sérvios e croatas começaram a expor abertamente os crimes de guerra uns dos outros – e a exigir justiça em relação a eles. Um forte surto de literatura revisionista descrevia a “história oculta” da Segunda Guerra Mundial. Os livros transformaram-se em documentários de TV, e estes foram reduzidos a poderosos slogans políticos que empurraram as agendas nacionais em direções nacionalistas. Em um de seus primeiros atos, Tudjman “rebaixou” os sérvios na constituição croata. A nova – ou melhor, antiga – inimizade era agora visível nos estádios de futebol. Nos jogos entre equipes sérvias e croatas, os torcedores cantavam os respectivos massacres.

Na partida entre o Estrela Vermelha e o Dínamo, contudo, foi a primeira vez em 15 anos que a Iugoslávia viu seus grupos étnicos se enfrentando abertamente. De início, a confusão parecia administrável segundo os padrões do futebol europeu. Torcedores do Estrela Vermelha rasgavam cartazes e gritavam: “Vamos matar Tudjman.” Quando os torcedores do Dínamo começaram a lhes jogar pedras, os do Estrela Vermelha usaram os cartazes como escudos. As cercas que separavam as duas torcidas desapareceram misteriosamente. A briga tomou conta do estádio, com os combatentes identificados pelas cores das camisas, e então avançou para o gramado. A polícia mostrou-se inepta para enfrentar a situação. Quando um policial bateu num torcedor de Zagreb, um jogador

do Dínamo chamado Zvonimir Boban interveio, atingindo o policial no pescoço com uma tesoura voadora. Helicópteros desceram no estádio para tirar os jogadores sérvios da confusão.

Para qualquer observador, estava claro que tanto sérvios como croatas tinham ido ao jogo preparados para a luta. Pedras haviam sido cuidadosamente empilhadas no estádio antes da partida, prontas para serem atiradas. Torcedores croatas tinham estrategicamente armazenado ácido, de modo a poderem derreter as cercas que os separavam de seus rivais sérvios. De pé ao lado do treinador do Estrela Vermelha, protegendo-o da violência, estava uma figura ainda mais sinistra, um pistoleiro da polícia secreta chamado Zeljko Raznatovic. Sua carreira como gângster lhe granjeara uma reputação de proporções quase míticas, tanto que todos se referiam a ele por um de seus cerca de 40 apelidos. Considerando-se todos os muçulmanos que ele iria massacrar mais tarde, é irônico que ele atendesse pelo nome turco de Arkan.

Arkan cresceu na placidez da Iugoslávia de Tito, uma versão balcânica dos seriados água-com-açúcar da TV norte-americana dos anos 1960, em que se supunha que sérvios e croatas fossem vizinhos felizes. Mas Arkan havia rejeitado o conformismo comunista. Seu pai servira como oficial na força aérea de Tito e usava o manual militar como um guia à *la* dr. Spock para criar seu filho. Previsivelmente, a dura disciplina produziu uma reação contrária. Por volta dos 16 anos, Arkan tinha abandonado a academia naval e embarcado clandestinamente para a Itália, e depois ganhara a vida cometendo pequenos crimes em Paris. Sem permanecer muito tempo nessa carreira, foi preso e condenado a três anos de detenção num estabelecimento para delinqüentes juvenis. Diferentemente de outros criminosos com os quais se associava, Arkan não se tornara um ladrão para sustentar uma vida luxuosa de gângster. Um de seus amigos contou que uma vez, em Milão, festejaram um assalto com uísque e mulheres, mas Arkan recusou-se a participar da festa. Ficou sentado sozinho num quarto com a janela aberta, deixando sair a fumaça dos cigarros e fazendo ginástica.

O mito de Arkan tem mais a ver com as conseqüências de seus crimes do que com os crimes em si. Ele tinha uma capacidade mágica de fugir. Em 1974, os belgas o prenderam por assalto a mão armada. Três anos depois, ele escapou da prisão e fugiu para a Holanda. Quando a polícia holandesa o pegou, ele arranhou um jeito de fugir outra vez. Naquele mesmo ano, repetiu o feito num hospital-prisão alemão. Sua obra-prima foi a aparição no tribunal sueco que julgava seu sócio Carlo Fabiani. Arkan irrompeu na sala do tribunal portando uma arma em cada mão. Apontou uma para o juiz e jogou a outra para Fabiani. Sua audaciosa fuga pela janela poderia ter sido orquestrada por Jerry Bruckheimer.^a

Com essas fugas espetaculares, a Europa Ocidental ficou perigosa demais para Arkan. De volta a Belgrado, ele se reconciliou com o pai e depois utilizou suas conexões com o aparelho de segurança iugoslavo. Bem antes da volta de Arkan, a polícia tinha começado a recrutar criminosos para fazerem o trabalho sujo, principalmente assassinar dissidentes exilados. Como parte do acordo com o governo, os criminosos podiam violar a lei no estrangeiro e depois voltar em segurança para a Iugoslávia. Arkan virou um astro nesse sistema, e ostentava esse status. Andava por Belgrado num Cadillac rosa. Depois de matar um policial, fato extremamente raro na ordeira sociedade comunista, ele desembainhou suas credenciais do Ministério do Interior e saiu calmamente da sala de julgamento.

À sua maneira arrogante, Arkan antecipou a transição para o pós-comunismo do final dos anos 1980, período em que gângsteres e contrabandistas governaram a então próspera economia sérvia. E ele era mais que uma figura representativa. Ajudou Slobodan Milosevic, que se tornara o chefe do Partido Comunista Sérvio em 1986, a realizar uma tarefa excepcionalmente difícil. Milosevic ganhara popularidade e poder explorando o nacionalismo sérvio, há muito reprimido. Mas, cínico que era, também percebia a rapidez com que essas paixões inflamadas poderiam voltar-se contra si. O nacionalismo precisava ser cuidadosamente controlado. Um lugar obviamente perigoso era o estádio do Estrela Vermelha de Belgrado, onde os *hooligans* haviam se tornado politizados, criavam faixas com os rostos de santos ortodoxos sérvios e do

romancista ultranacionalista Vuk Draskovic, chefe do Partido da Renovação Sérvia. Seus cânticos clamavam por independência: “Sérvia sim, Iugoslávia não.”

O fato de o estádio tornar-se tão efervescente não pode ser considerado estranho. Desde o início, o Estrela Vermelha sempre fora um bastião do nacionalismo. Durante o comunismo, os clubes de futebol do bloco oriental aderiram basicamente ao mesmo modelo de patrocínio. Havia geralmente um time fundado e mantido pelo Exército, outro patrocinado por policiais e outros ligados a sindicatos e ministérios. Em Belgrado, o Exército patrocinava o Partizan e a polícia mantinha o Estrela Vermelha. Para os nacionalistas sérvios, o Exército representava os inimigos de sua causa. A ideologia do exército comunista rejeitava qualquer noção de identidade sérvia como um anátema da solidariedade dos trabalhadores e da harmonia étnica. Os *partisans* de Tito, homônimos do time do Exército, haviam matado, encarcerado e espancado os Chetniks, o exército de nacionalistas (alguns dizem fascistas) sérvios que também enfrentara os nazistas. Haviam suprimido a Igreja Ortodoxa sérvia. Com esses adversários odiosos, o Estrela Vermelha tornou-se um lar para os sérvios que aspiravam a recuperar sua nação.

Por toda a história do Estrela Vermelha, autoridades policiais ocuparam cargos em sua diretoria. Em 1989, o ministro do Interior de Milosevic era um deles. Ele percebeu que o clube havia se tornado um caldeirão da alienação pós-comunista e uma incontrollável confusão de gangues, especialmente das ultranacionalistas. Os jornais estavam repletos de matérias acusando os estádios de símbolos da “desintegração geral da civilização”. Para administrar essa bagunça, a polícia atribuiu a Arkan, ele próprio um fanático pelo Estrela Vermelha, a tarefa de controlar os torcedores.

Arkan negociou uma trégua entre as facções rivais, colocando-as todas sob uma única organização chefiada por ele. Trocou o nome da torcida de Ciganos – um insulto dos adversários que os torcedores haviam transformado em símbolo de honra – para Delije. Tal como o nome Arkan, o novo título vinha do turco, significando algo próximo de heróis, e suas

conotações inegavelmente marciais se ajustavam ao novo espírito do clube. Quase instantaneamente, Arkan impôs a mesma disciplina que praticava em sua própria vida. Os pequenos atos de violência cessaram. “A administração do Estrela Vermelha o proclamou seu salvador”, relatava uma das revistas oficiais do time. Krle, que se tornara um soldado de infantaria do Delije, me contou que “era impossível não ter respeito por um homem como Arkan”.

Quando Arkan conseguiu amansar os nacionalistas do Estrela Vermelha, a maré política mudou. A retórica nacionalista de Milosevic convencera os líderes da Croácia e da Eslovênia de que não podiam continuar associados aos sérvios – ou, no mínimo, Milosevic lhes deu um pretexto para alimentarem seus próprios nacionalismos. Croácia e Eslovênia foram em frente, declarando-se Estados independentes – ao que a Sérvia respondeu com a guerra.

A romântica aparência de guerra estava por toda parte. A mídia investia contra o tratamento dispensado pelos croatas à minoria sérvia, assunto que tocava num ponto particularmente sensível para a nação. Mas a Sérvia não dispunha em seu Exército de um número suficiente de homens dispostos a sair em campo para fazer o trabalho sujo. Driblar o recrutamento tornou-se um rito de passagem. Meu tradutor descreveu-me como fingiu estar louco e produziu feridas cheias de pus no próprio rosto para escapar do Exército após 52 dias de serviço. Esperando enganar os responsáveis pelo recrutamento, jovens dormiam em diferentes apartamentos a cada noite. Num momento de desespero, a polícia começou a retirar homens de restaurantes em Belgrado e enviá-los para a frente de batalha. Ao lado do problema das tropas, havia também o dos oficiais: o alto comando do Exército vinha de uma cultura militar alicerçada no comunismo. Seus membros tinham sido treinados para acreditarem num Estado iugoslavo equânime que funcionaria como árbitro das etnicidades.

Sem um exército regular confiável, os líderes sérvios começaram, discretamente, a montar forças paramilitares. O Delije de Arkan revelou-se um irresistível veículo de recrutamento. Afinal de contas, o Delije tinha

a reputação de praticar uma violência cruel e depois celebrá-la em suas canções (“Machados na mão/ e uma faca nos dentes/ vai ter sangue esta noite”). Comandados por Arkan, seus membros agora operavam segundo uma hierarquia cuidadosamente delineada, que obedecia às ordens de um único líder. E, como provaram contra o Dínamo de Zagreb no famoso jogo transmitido pela TV, na realidade gostavam de enfrentar os croatas. O governo preferia esse estilo *hooligan*. A Sérvia não precisava de tropas convencionais para enfrentar um exército inimigo. Era raro ocorrer esse tipo de combate nos Bálcãs. O governo necessitava de uma força que pudesse aterrorizar os civis, fazendo com que muçulmanos e croatas fugissem de seus lares nos territórios que os sérvios esperavam controlar.

Nos jornais iugoslavos – e, nesse sentido, de todo o mundo –, a guerra foi uma metáfora do esporte. Os times lutavam e atacavam; tinham defesas impenetráveis e atacantes que bombardeavam os adversários. Os homens de Arkan tornavam viva essa metáfora. Como ele declarou numa entrevista alguns anos depois: “Nós, torcedores, primeiro treinamos sem armas ... Desde o início eu insisti na disciplina. Os torcedores fazem barulho, querem ficar bêbados, vadiar. Resolvi acabar com tudo isso de uma só tacada: obriguei-os a cortarem o cabelo, fazerem a barba regularmente, pararem de beber, e tudo entrou nos trilhos.”

Arkan deu a seu exército o nome de Tigres, mas também poderia chamá-lo de Delije. Recrutados do Estrela Vermelha treinavam num quartel da polícia, suprido pelo Exército, na cidade croata de Erdut. Segundo todos os relatos, estavam armados até os dentes. Escrevendo num jornal de esportes de Belgrado em 1992, um repórter registrou numa matéria sobre os Tigres: “Eu rebobino o filme das minhas memórias e distribuo esses bravos rapazes por todos os estádios da Europa. Sei exatamente onde estava cada um deles, quem começou a cantar, quem desfraldou a bandeira, quem acendeu a primeira tocha. O Delije deixou os acessórios de seus patrocinadores em algum lugar sob a abóbada do estádio Marakana e saiu para a guerra de rifle na mão.”

Mas eles não deixaram para trás todo o comportamento de torcedor. O antropólogo Ivan Colvich, de Belgrado, mostrou que os torcedores

levavam consigo para o *front* as canções cantadas nos estádios, alterando um pouco as letras para colocá-las claramente num contexto militar. Jogadores do Estrela Vermelha iam de carro até o acampamento de Arkan para visitarem torcedores feridos. Vladan Lukic, capitão do time, contou ao *Jornal Sérvio* que “muitos de nossos leais torcedores da parte norte do [estádio] Marakana estão escrevendo, das formas mais óbvias, as mais belas páginas da história sérvia”.

III.

O exército de Arkan participou da primeira ofensiva sérvia de 1991-2 e logo começou a ganhar sua notória reputação. Fotografias dos feitos de Arkan levaram o Ocidente a se voltar decisivamente contra a Sérvia. Mais relevantes, nesse sentido, foram as revoltantes fotografias de Bijeljina. Numa delas, em pé sobre o cadáver de um civil muçulmano, Arkan beija o presidente da República Sérvia da Bósnia. Outras mostram os Tigres chutando corpos sem vida e pisando nos crânios de suas vítimas.

Quando a Croácia lançou uma bem armada contra-ofensiva em 1995, Arkan voltou a mobilizar seu exército. Em sua casa, localizada em frente ao estádio do Estrela Vermelha, ele viu pela televisão os croatas reconquistarem seus territórios. Como sua esposa me contou, as imagens fizeram com que ficasse furioso. “Estão matando o meu povo, preciso entrar nessa guerra”, exclamou ele. Àquela época, Arkan estava casado havia poucas semanas. Sua esposa diz que apelou ao seu senso de dever conjugal. “Agora você tem que pensar na sua família”, argumentou. Em vez de responder, ele se retirou em silêncio para o quarto. Dez minutos depois, quando foi ver como ele estava, ela o encontrou de boina e em trajes de campanha. Em 30 minutos, depois de um telefonema, seu exército estava reunido em frente ao estádio do Estrela Vermelha.

Arkan comandou algumas de suas ofensivas mais sangrentas perto da cidade bósnia de Sasina. Para supervisionar as operações, estabeleceu um posto de comando no escritório de administração do Hotel Sanus. De lá, enviava os Tigres em patrulhas com a finalidade de deter civis

muçulmanos, expulsar suas famílias e saquear suas casas. O roubo tornara-se um dos principais objetivos dos Tigres. Uma testemunha contou ao *Los Angeles Times*: “Quando entravam numa residência muçulmana [eticamente] ‘purificada’, alguns deles se dirigiam à cozinha e começavam a retirar utensílios. Outros iam atrás da televisão e do aparelho de vídeo-cassete. Outros ainda começavam a escavar o jardim em busca de jóias escondidas. Era fácil reconhecer os homens de Arkan: tinham as unhas sujas de tanto cavarem.” Quando os Tigres capturavam muçulmanos em Sasina, eles os transportavam para o quartel-general de Arkan, no hotel. Alguns foram espancados e interrogados. Outros foram amontoados na sala da caldeira, no porão, cuja área era de cinco metros quadrados. Por mais de três dias, os Tigres mantiveram nesse espaço 30 homens e uma mulher, sem água, comida ou ventilação adequada. Um ônibus transportou os detentos da sala da caldeira até o sopé de um morro em frente à igreja da aldeia. Todos foram mortos, com exceção de dois, e lançados em valas coletivas que seriam exumadas um ano mais tarde. Ao final da guerra na Croácia e na Bósnia, segundo estimativas do Departamento de Estado, os Tigres de Arkan haviam assassinado pelo menos dois mil homens e mulheres, cortando gargantas, estrangulando ou utilizando outros métodos de execução.

Os crimes de Arkan foram bem documentados. Na sociedade sérvia, não era difícil ter conhecimento deles. Milosevic não cortara o acesso à Internet, não proibira as antenas parabólicas nem expulsara os militantes dos direitos humanos. Filip David, dissidente de Belgrado, disse-me simplesmente: “Nós sabíamos.” Mas em vez de submeter Arkan à execração moral, a sociedade sérvia o transformou em herói.

Muitos dos sérvios que testemunharam a veneração dedicada a Arkan agora a comparam à cobertura laudatória, arrebatada, que os norte-americanos devotaram a John Gotti e Al Capone. Essa comparação, contudo, atenua tanto a perversidade de Arkan quanto a omissão da imprensa sérvia. Com aparições regulares no programa de variedades *Minimaxovision*, extremamente popular, Arkan se apresentava como um personagem encantador que até mesmo a classe média podia adorar. Usou esses meios para anunciar seu casamento com a *pop star* Ceca, assim

como os iminentes nascimentos de seus filhos. Quando se casou com ela, em 1994, a TV transmitiu o evento ao vivo.

A guerra não fez de Arkan apenas um homem famoso – também o enriqueceu. O patriotismo fornecera a justificativa para saquear em grande escala. Arkan dirigia sua rede, os Tigres, como um conglomerado do mercado negro livre de sanções, açambarcando monopólios do petróleo e de bens de consumo. Alguns moradores de Belgrado apelidaram jocosamente o distrito comercial da cidade de “Arkansas”. Aqui, a metáfora do gângster norte-americano de fato funciona. Como muitos mafiosos antes dele, Arkan pretendia legitimar sua fortuna recém-adquirida. Mais especificamente, esperava tornar-se dono de um clube de futebol que lhe fornecesse prestígio internacional e aumentasse a adoração de que era alvo. Como os dirigentes do Estrela Vermelha não concordassem em vender-lhe o clube, Arkan resolveu criar seu próprio Estrela Vermelha. Primeiro, comprou um time do Kosovo e expurgou sua formação composta amplamente de albaneses étnicos. Depois, em 1996, trocou-o pelo clube Obilic de Belgrado, uma equipe semiprofissional que permanecia há décadas nas divisões inferiores do futebol iugoslavo.

Parte da atração exercida pelo Obilic vinha de seu nome: o mesmo de um cavaleiro que lutou por Kosovo na batalha de 1389 em que os sérvios foram derrotados – o momento que definiu a narrativa nacional centrada na vitimização. Pouco antes da batalha, Obilic infiltrou-se no acampamento turco e apunhalou o sultão Murad com uma adaga envenenada. Arkan ampliou a mística preexistente, apresentando-se como um Obilic contemporâneo. Mudou a cor do uniforme do clube para amarelo, um tributo aos Tigres, e fez do tigre um símbolo onipresente no estádio. A imagem desse animal lhe dá as boas-vindas na sede e aparece nas portas dos veículos do clube.

Sob a administração de Arkan, o clube triunfou quase instantaneamente. Um ano depois de ingressar na divisão principal, ganhou o campeonato nacional. Arkan gostava de se gabar dos segredos de seu sucesso: o fato de que pagava aos jogadores os maiores salários do país; de que os proibia de beberem antes dos jogos; de que os instruía a

agirem segundo a disciplina de uma unidade militar. Mas os adversários têm outra explicação para a inacreditável rapidez de sua ascensão: de acordo com um relato amplamente divulgado, Arkan havia ameaçado matar um atacante de uma equipe rival caso ele marcasse um gol contra o Obilic. Outro jogador contou à revista inglesa *Four-Four Two*, especializada em futebol, que foi trancado numa garagem enquanto seu time jogava contra o Obilic.

Nos jogos, a mensagem de Arkan a seus oponentes era bastante clara. O corpo de torcedores do Obilic era constituído substancialmente de paramilitares. Esses Tigres “escoltavam” os árbitros para os estádios em seus jipes. Durante as partidas, cantavam coisas como “se você marcar, não sairá vivo do estádio” ou “vamos quebrar suas duas pernas, você vai caminhar com as mãos”. Como assinalaram os jornais ingleses, era do maior interesse dos jogadores aceitar essas exigências. Frequentemente se viam sob a mira das armas dos torcedores.

Segundo um boato divulgado em Belgrado, Arkan adquiriu o hábito de irromper, durante os intervalos, nos vestiários das equipes adversárias, onde ofendia os jogadores em altos brados. Para evitar essa cena, o Estrela Vermelha simplesmente se recusava a deixar o campo durante o intervalo. Seus jogadores passeavam pelo gramado, chegavam até a urinar nas laterais do campo, em vez de se arriscarem a um encontro com Arkan. Depois de uma partida, o atacante Perica Ognjenovic, do Estrela Vermelha, queixou-se: “Isto não é futebol, isto é guerra. Acho melhor sair do país.”

Com seu súbito sucesso, o Obilic qualificara-se para competir com outros grandes times na Liga dos Campeões Europeus. Mas nem mesmo as autoridades do futebol europeu – não exatamente rígidas quando se trata de criminosos e ditadores – podiam tolerar a presença de Arkan em seus estádios. Eles baniram o clube das competições continentais. Para contornar a situação, Arkan desistiu do cargo no clube e fez-se substituir por sua mulher, Ceca. Não era preciso um promotor de Haia para encontrar falhas nessa prestidigitação. Quando entrevistei Ceca, ela me

disse: “Eu era presidente, ele era assessor”, e riu ao mencionar os dois cargos.

O Obilic nunca teve êxito em competições continentais. Arkan não ousava trancar em garagens jogadores do Bayern de Munique e de outros gigantes do futebol europeu. Logo o time começou a declinar também no plano doméstico. Depois da temporada em que foi campeão, os dirigentes dos outros clubes perceberam que entregar o campeonato a Arkan implicava um custo financeiro muito alto. Juntaram-se e desafiaram Arkan a matar todos eles. “Os times comunicaram-se entre si e disseram: ‘Não podemos permitir que isso volte a acontecer’”, disse-me o diretor de teatro e comentarista de futebol Gorcin Stojanovic. Com os clubes aliados contra ele, Arkan passou a empregar a intimidação com menos frequência. O Obilic começou a cair para uma posição intermediária na tabela da liga.

No final das contas, o Obilic pode ter sido a ruína de Arkan. Há muitas teorias para explicar por que ele foi morto a tiros, em janeiro de 2000, no saguão do Hotel Intercontinental, onde gostava de tomar o café da manhã e usar a academia de ginástica. Uma delas afirma que Marko, filho de Milosevic, estava incomodado com o monopólio de Arkan sobre o mercado negro. Outra sustenta que a polícia secreta precisava eliminá-lo, pois ele sabia demais e podia ser seduzido com muita facilidade a testemunhar contra Milosevic em Haia. Ou talvez tenha sido simplesmente uma luta de gângsteres por causa de espaço. Há, contudo, uma outra explicação, que tem a minha preferência em razão de sua justiça poética: o Obilic pode ter sido a causa imediata da morte de Arkan. Os sócios se ressentiam do fato de ele ter se apropriado de uma parcela demasiadamente grande dos lucros obtidos com a venda de jogadores; achavam que não podiam continuar a fazer negócio com ele. Depois de ter usado o futebol para destruir vidas, agora o futebol destruiria a dele.

IV.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Como o futebol explica o mundo: Um olh..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).